Três décadas, três pilares de produtividade

POR RAFAEL MAZÃO*

E durante a Expozebu de 1990, ano que a Revista Nelore estreava suas edições, os Grandes Campeões foram:

- Inca POI da 3 Coxilhas (Gangayah POI Brum. x Egipiciana POI)

- Pestana de Garça (Gim de Garça x Maré de Garça)

Que nostalgia boa né!

Eu era garoto, nesta época minha maior contribuição com a pecuária ainda era passear pelos pavilhões do Parque e encostar no cerco da pista de julgamento e apreciar tudo que acontecia, esperando os aguardados campeões que eram os maiores demandados quanto genética melhoradora naquela época. Já "logo" que acabava o grande campeonato nacional embarcavam para a central de coleta de sêmen.

Neste ano atípico que tivemos em 2020, a nossa querida e tradicional Expozebu não aconteceu, porém os grandes campeões fizeram jus nas exposições regionais e também na importante Expoinel.

A pecuária caminhou junto a raça Nelore, a nossa maior fortaleza no gado de corte, que tornou o Brasil o maior exportador e segundo maior produtor de carne do planeta. Com o maior rebanho bovino em produção, representando 15,3% da produção de carne no mundo, nossa cultura de consumo é baseada em proteína vermelha, somos o terceiro maior consumidor mundial de carne bovina, com consumo per capta de 38 kg, dados acima vindos da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne – ABIEC, 2019/2020.

E tudo foi evoluindo. Passamos a ser mais eficientes na pecuária a pasto, o "boi verde" levantou sua bandeira e mostrou sua força.

O Brasil consegue produzir carne com o menor custo da @ produzida quando comparamos com seus dois concorrentes diretos, Estados Unidos e China. Além de produzir com sustentabilidade, 86% dos animais abatidos vêm da produção terminada a pasto.

Verticalizar é necessário, estamos caminhando ano a ano para isso, em 2019 foram abatidos 43,3 milhões de animais, destes 14% vindo de confinamentos, e do total, tivemos peso médio de carcaça de 242,27 kg com rendimento médio de carcaça (zebuínos) entre 51,3 a 54,3%.

Do que produzimos nos últimos anos, 23,6% foi exportado, além do aumento dos países compradores, de 101 para 154 destinos, tivemos aumento de +54% da compra Chinesa no último ano.

E como evoluímos na antecipação de ciclo de abate, dados da ABIEC ainda complementam, que em 2009 tínhamos mais de 20,5% dos bois com mais de 36 meses sendo abatidos, já em 2019 uma década após, esse percentual apresentou 5,9% somente dos animais nesta idade na indústria frigorífica. Assim temos conseguido melhorar a eficiência da remuneração do produtor, além de atender o mercado interno e externo com carne de melhor qualidade.

Podemos ir muito além! Dados dos abates do Programa de Qualidade Nelore Natural – PQNN da ACNB, desde 1999 promovidos em várias regiões do país, evidenciam o alto potencial dos pecuaristas eficientes modernos abatendo bois até 2 dentes, acima de 22@ com acabamento mediano a uniforme.

Toda essa evolução vem da complementariedade entre otimização dos sistemas de produção com evolução genética.

Se falamos no início "da prosa" da importância dos animais da década de 90 como formadores da genética daquele tempo, não podemos deixar de enaltecer o trabalho realizado pelos programas de melhoramento genético que tanto contribuem para nortear os criadores da pecuária seletiva e também de corte, afim de elevar a produtividade e auxiliar na seleção dos rebanhos.

Através deles, os pecuaristas começaram a "enxergar" uma nova ferramenta auxiliadora, os mais importantes: ANCP, GENEPLUS e PMGZ já há anos disponíveis como aliados e, hoje, inevitáveis nas tomadas de decisões da seleção e na compra de genética a ser incorporada em cada safra.

E não para por aí! As avaliações genômicas vieram para ficar, bem como foi nas raças taurinas, hoje nas raças zebuínas especialmente na raça Nelore, devido a maior base de informações. A genômica contribui imensamente na identificação dos animais jovens superiores e contudo os inferiores, deixando à disposição do criador os animais com maior confiabilidade para uso, mesmo que jovens, afim de promover ganho genético mais acelerado, diminuindo o intervalo das gerações mais evoluídas geneticamente e mais eficientes para as características de impacto econômico.

E promovendo todas estas ferramentas, nos últimos 30 anos, tanto a Inseminação Artificial, que passou quase totalmente para Inseminação Artificial em Tempo Fixo (I.A.T.F.). Quanto à Transferência de Embriões, foram responsáveis pela difusão e democratização genética no país.

O Brasil é o maior produtor de embriões do mundo e emprega muito bem a tecnologia no rebanho há anos.

Já na I.A. ou I.A.T.F., a evolução tem sido sinérgica, provocando impacto na produtividade de forma acentuada, tendo em vista que utilizar "semente certificada" fica mais fácil elevar desempenho em ganho de peso, fertilidade, habilidade materna, precocidade sexual, qualidade e rendimento de carcaça.Vimos através dos dados da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (ASBIA) que, em 2019, 16% das matrizes do rebanho de corte foram inseminadas e, de janeiro a junho de 2020, 70% dos municípios estão usando a tecnologia e tivemos um super aumento de 47% de doses de sêmen comercializas nacionalmente para os clientes finais de gado de corte, em relação ao mesmo período do ano anterior.



Como é bom olhar para trás e analisar o quanto evoluímos nestes últimos 30 anos na pecuária e com o Nelore. Melhor ainda é ter a certeza que nestas 3 décadas que se passaram ou até mesmo nas que há e vir, nossos 3 pilares serão insubstituíveis: o PECUARISTA de olho afiado, o NELORE forte e produtivo e a GENÉTICA com o melhor da tecnologia.

*Zootecnista – Esp. Melhoramento Genético. *rafaelmazao@dstak.com*

